

## MAL- ESTARES DOCENTES E RELAÇÕES ESTABELECIDAS NAS ESCOLAS

### TEACHING MALAISE AND ESTABLISHED RELATIONSHIPS IN SCHOOLS

*Silvana Maria Aranda<sup>1</sup>*

#### **RESUMO:**

Este artigo advém de minha pesquisa de doutorado e aborda um dos aspectos que leva professores e professoras a vivenciarem o mal-estar docente. O conceito que foi construído na pesquisa é o de que o mal-estar docente é um dos traços da profissão professor na contemporaneidade e evidencia-se através da manifestação de dificuldades ou impossibilidades de lidar com as problemáticas que estão presentes na escola. A manifestação do mal-estar docente se dá através de relatos de sentimentos de angústia, desconforto e impotência, resultantes do tensionamento nas relações estabelecidas. Ser professor/professora implica em intervir, interagir, mediar, o mal-estar aparece quando o professor/professora não dispõe de elementos, das mais variadas origens, para uma intervenção qualificada. Neste sentido, os dados levantados apontam que os principais fatores de mal-estar advêm das relações e da valorização do professor, tendo as questões estruturais e de salário como fatores secundários. Nessas relações ganha destaque o mal-estar relacionado ao aluno/aluna incluído nas escolas após a democratização do ensino e ao aluno/aluna que não está mobilizado para aprender. Por fim, trabalho com a ideia de que o mal-estar docente, mais do que um incômodo ou sentimento difuso e passageiro, ou *um ciclo degenerativo da eficácia docente*, é um fenômeno que não está situado apenas no indivíduo, mas nas relações que se estabelecem na escola e na sociedade e, portanto, podemos nos referir à mal-estares.

**Palavras-Chave:** Professor; Relações; Mal-estares

#### **ABSTRACT:**

This article stems from my doctoral research and addresses one of the aspects that leads teachers to experience teaching malaise. The concept constructed in the research is that teaching malaise is one of the traits of the teaching profession in contemporaneity and is evidenced by the manifestation of difficulties or impossibilities in dealing with the issues present in schools. The manifestation of teaching malaise occurs through reports of feelings of anguish, discomfort, and powerlessness, resulting from tension in established relationships. Being a teacher implies intervening, interacting, mediating; malaise arises when the teacher lacks elements, from various sources, for a qualified intervention. In this sense, the data collected indicate that the main factors of malaise arise from teacher-student relationships and the valuation of teachers, with structural and salary issues being secondary factors. In these relationships, malaise related to students included in schools after the democratization of education and students not motivated to learn stands out. Finally, I work with the idea that teaching malaise, more than a discomfort or diffuse and fleeting feeling, or a degenerative cycle of teaching effectiveness, is a phenomenon not only situated in the individual but also in the relationships established in schools and society. Therefore, we can refer to it as teaching malaises.

**Keywords:** Teacher; Relationships; Teaching malaises.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [vana@cpovo.net](mailto:vana@cpovo.net)

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo trago algumas ideias trabalhadas em minha tese de doutorado<sup>2</sup>, trabalho com o conceito de que o **mal-estar docente é um dos traços da profissão professor/professora na contemporaneidade e evidencia-se através da manifestação das dificuldades ou impossibilidades de lidar com as problemáticas que estão presentes na escola**. A manifestação do mal-estar docente se dá não apenas com o adoecer do professor/professora, mas também através de relatos de sentimentos de angústia, desconforto e impotência, resultantes do tensionamento nas relações estabelecidas e mediante a necessidade de intervenção do professor, em situações que se colocam no cotidiano de sua prática e, as reais possibilidades dessa intervenção. Embora o mal-estar atinja a sociedade como um todo, e o mal-estar docente em muitos momentos se constitua em um reflexo do que é vivido no âmbito social, ele se diferencia do mal-estar da sociedade pela função que a escola possui, onde o professor/professora não pode abster-se de se relacionar e de promover processos de aprendizagem. As categorias de pesquisa construídas a partir da análise dos dados obtidos em minha tese me permitem afirmar que **o mal-estar docente é um traço** que acompanha, ou que marca o fazer pedagógico nos dias de hoje. A referida pesquisa evidenciou que professores e professoras de diferentes redes de ensino (privada, estadual e municipal) referiram experimentar diversas situações no cotidiano de sua práxis pedagógica que lhes traziam mal-estar. No entanto, o grau de mal-estar manifestado pelos professores e professoras se diferencia não apenas por se tratar de diferentes indivíduos, mas principalmente por se tratar de profissionais que estão imersos em diferentes contextos. No entanto, é possível observar que existe um fator comum às várias realidades nas quais os professores e professoras estavam imersos, que é o mal-estar advindo do papel de preparar as novas gerações para um mundo, usando a expressão de Bauman<sup>3</sup>, cada vez mais “fluídico e líquido”.

Independente da solução ou do caminho encontrado pela escola para lidar com o fenômeno do mal-estar, ele estava presente, como traço do exercício da docência de professores/professoras e equipes gestoras e, na maioria das vezes, fazia com que as professora/professores adoecessem, sem necessariamente compreender este processo (ARANDA 2007, p. 85):

---

<sup>2</sup>ARANDA, Silvana Maria. Um olhar implicado sobre o mal-estar docente. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

<sup>3</sup>Bauman (2001, p. 15) trabalha com cinco conceitos básicos sobre os quais as narrativas ortodoxas da condição humana tendem a se desenvolver: a emancipação, a individualidade, o tempo/espaço, o trabalho e a comunidade.

Diante da acelerada mudança do contexto social que atravessamos, o mal-estar que é gerado nos processos sociais pode ser experimentado pelo indivíduo sem que se faça imprescindível a compreensão dos elementos desse fenômeno. Já para escola, que precisa estar envolvida na tarefa de preparar os homens para um tipo de sociedade que ainda não existe, a falta de compreensão e simbolização desse processo pode fazer com que o mal-estar docente deixe de ser apenas um traço da docência para se constituir no adoecer do professor/professora.

A partir dos dados coletados na tese construí a afirmativa de que lidar com o mal-estar docente também é condição do tempo presente e é necessário pensar como os fatores de mal-estar docente podem colaborar no processo de simbolização dessa condição. Para tanto é necessário analisar, estudar o que provoca mal-estar para os professores/professoras de cada instituição, chegando a categorias de mal-estar. Neste sentido a escola deveria se constituir em um lugar onde se observa relações, se faz pesquisa.

Em minha tese construo algumas categorias, que em parte já foram trabalhadas por Esteve (1999) em seu livro “O mal-estar docente e a saúde do professor”, como indicadores do mal-estar docente e separadas, para fins de análise, em fatores secundários e principais. Dentre essas estão a queixa do professor/professora pela falta de tempo para lazer, vida familiar, as pressões e exigências que são feitas em relação ao seu trabalho. Também aparecem com força alguns dos fatores destacados como secundários (contextuais) por Esteve (1999), como a violência, a modificação do papel do professor/professora, de sua função e do contexto social bem como os que se referem à modificação do sistema de ensino e ao avanço do conhecimento.

No entanto, outros fatores se diferenciam das pesquisas realizadas anteriormente:

Um fato que me surpreendeu na época da pesquisa foi o de que o mal-estar relativo a salários, recursos materiais e condições de trabalho, que são destacados por Esteve(1999) como fatores principais de mal-estar docente, não são colocados em evidência pelos professores/professoras pesquisados e sim o que se origina nas relações estabelecidas na escola e com a comunidade. Outros fatores, que ainda não foram explorados em profundidade na literatura é o que nos remete à solidão do professor/professora, a falta de motivação do aluno em aprender e do professor em ensinar, principalmente no que se refere às crianças incluídas na escola e a perda da dita “família ideal”. Também se destacam as respostas que mencionam episódios de incivilidade, indisciplina, violência e diferenças culturais (ARANDA, 2007, p. 86).

Analisando estas categorias cheguei à conclusão de que o mal-estar não é apenas uma doença social, da escola ou do professor, e sim de um dos fatores presentes no exercício da

docência na atualidade, ou seja: “(..)um fenômeno que estaria no entrecruzamento do desejo de ensinar, educar, exercer a docência e as condições objetivas e subjetivas encontradas e mobilizadas nesse exercício” (ARANDA, 2007, p. 88).

Na minha tese, ao escolher trabalhar com o mal-estar enquanto traço da docência, fiz a opção de deixar de lado os casos de burnout, a síndrome da desistência do educador, trabalhada por diversos autores. Feito este preâmbulo, trago uma das categorias de análise trabalhadas em minha tese.

### **MAL-ESTAR NA SOLIDÃO DAS INTER-RELAÇÕES DO PROFESSOR: IMPOSSIBILIDADE DE AÇÃO E COBRANÇA DE RESULTADOS.**

Uma questão que se evidenciou durante minha pesquisa e me possibilitou chegar a esta categorização foi o individualismo com que os professores e professoras se viam submetidos para administrar sua rotina de trabalho e o sentimento paradoxal de mal-estar advindo da solidão ao resolver os problemas cotidianos, conforme Bauman (2001, p. 74), “[...] cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível”.

O agravante é o de que no processo que os professores e professoras vivem no cotidiano das escolas, estão longe de encontrar alguma satisfação mínima, o que faz com que sintam o peso da solidão e do desamparo nas decisões que precisam tomar. A seguir trago alguns excertos de minha tese que demonstram este desamparo.

Ao entrar para sala de aula e fechar as portas, deparam-se com vinte, trinta alunos diferentes, os quais têm que entender, manejar e ensinar. Se tudo correr bem, são considerados bons professores, se for mal, não ensinaram direito. As soluções dos problemas dos alunos se dão, muitas vezes, a longo prazo, mas os docentes são cobrados e exigidos no sentido de apresentar um resultado imediato, o que fica evidente na fala dessa professora: (ARANDA, 2007, p. 90).

#### Quadro 1. Excerto da tese com fala de professora

Queres saber se tenho mal-estar, é claro que tenho quando vejo uma aluna que dia-a-dia perde a visão, os pais não têm condições e nem interesse de levar a menina para um tratamento, e ela está lá todos os dias, não falta à aula nem quando chove muito... todos os dias estou eu sozinha para dar um jeito, porque não é a direção nem a supervisão que dá aula, sou eu. Só que não tenho só ela para dar atenção, quando um surta a aula toda vira um hospício, será que esperam que eu faça milagre? Eu quero uma solução, cada dia que passa é mais um dia de frustração, quero ver quando eu desistir e

não vier quem vai dar conta da turma, queria mesmo não me importar, mas não consigo.

Fonte: Aranda, 2007

Nesse depoimento da professora podemos ver o quanto o mal-estar que é por ela vivenciado está relacionado não apenas à solidão, mas também à impossibilidade de agir, ou, mais precisamente, de realizar uma ação pedagógica que produza efeitos. A professora demonstra estar profundamente fragilizada em seus processos de vivência da docência, na sua condição de possibilidade de ação, o que também contamina a possibilidade de uma reflexão sobre os fatos, uma vez que, (pelo que deixa claro no resto de seu depoimento aqui não transcrito), está imersa nessa problemática sem encontrar um espaço de escuta ou simbolização, sentindo-se muitas vezes “desamparada pela escola”.

Para Arendt (2001 p. 244), foi o fato de podermos agir e iniciar nossos próprios processos que colaborou para que pudéssemos conceber a natureza e a história como sistemas de processos. Para a mesma autora, a violência nasceria na ausência de poder e o poder seria a condição de expressar-se e agir. Nas condições acima descritas a professora não tem assegurada a sua condição humana, o que abriria espaços para a violência. Como a professora/professor, no papel de adulto da relação e educador, deveria, pelo menos em tese, não devolver à turma, à escola ou aos alunos a violência a que é submetido, precisando ser capaz de controlar seus impulsos agressivos, restar-lhe-iam, muitas vezes, poucas saídas perceptíveis em um primeiro momento, como mostra a fala dessa professora de uma escola do Estado: (ARANDA, 2007, p. 91).

#### Quadro 2. Excerto da tese com fala de professora

Segunda-feira, segunda é dia de mal-estar.

Eles vêm do fim de semana com a corda toda. Contam as maiores barbaridades. São crianças que não tem onde brincar, convivem com a violência e famílias sem as mínimas condições. Chegam aqui no mesmo ritmo de briga e gritaria do fim de semana. Ai sou eu que quero gritar e se pudesse saia batendo em todo mundo. Pode ser que usando a mesma linguagem, eles me ouvissem. Já que não posso bater, e esse é o único limite que eles conhecem, viro pro quadro e escrevo, escrevo muito e faço de conta que não estou vendo o que acontece, só quando não dá mais, ai tiro uma meia dúzia da sala e continuo a aula... Sim, depois melhora, o resto da semana dá para trabalhar um pouco, mas quando chega sexta já começam a se agitar. O meu nome e minha escola não vão nessa entrevista? Isso a gente só pode dizer assim, para ninguém ouvir. Se tu fala ficam te olhando torto, como se tu fosse irresponsável, incompetente. Eu gosto de dar aula, eu tenho muito conhecimento que eu podia estar trabalhando com eles, mas todo santo dia conviver com essa realidade vai cansando. Há um tempo atrás não era assim, está cada vez mais difícil, não é culpa deles porque a vida deles é isso ai, eles te ofendem, te agridem e nem se dão conta. Mas pra mim do jeito que ta não dá mais. Só continuo vindo porque tenho muitos anos de magistério e agora não vale a pena desistir. É difícil ensinar quem não quer aprender... Desabafei, mas na próxima segunda estou de volta, tudo de novo.

Fonte: Aranda, 2007.

Na pesquisa algo que me chamou a atenção foi o fato de que os professores e

professoras que manifestavam mais fortemente seu mal-estar eram aqueles que pareciam estar mais envolvidos nas questões da escola. Neste sentido, para Esteve (1999, p. 60), a implicação pessoal acaba aumentando o mal-estar “essa mesma implicação pessoal que antes aparecia como fonte de autorrealização apresenta, portanto, ao educador uma ambivalência; tornando-se paradoxalmente a cara e a cruz de sua atividade educadora”.

Algumas escolas conseguiam reunir elementos para lidar com o mal-estar de professoras e professores, mas eram casos isolados:

Em todos os casos que acompanhei em que houve possibilidade de simbolização do mal-estar docente e de ação, tratava-se de professores e professoras inseridos em escolas que de alguma forma tentavam diferenciar-se da sociedade atual no que se refere ao seu movimento de solidão, competição, individualismo e presenteísmo (ARANDA, 2007, p. 94).

No entanto, em outras escolas, a pressão sobre os professores e professoras e o mal-estar que advém disto é potencializada pela atribuição da responsabilidade pelo fracasso ou sucesso do aluno estar depositada no professor/professora e apenas nele:

O mal-estar ainda é maior porque, além disso, o professor sabe que é responsável e constantemente responsabilizado pela aprendizagem, e principalmente pela não aprendizagem desses alunos e alunas. Pela educação de uma geração que se encontra em suas mãos e, na maioria dos casos, apenas nelas, sem que possa instantaneamente trocar o caminho e livrar-se das pressões. Da mesma forma, o mal-estar advém da certeza que as soluções dos problemas sociais que o professor/professora encontra diariamente em seu ofício não são instantâneas como as sugeridas pela modernidade líquida<sup>4</sup>. Além disso, o individualismo que é marca da sociedade contemporânea é também constituinte do “modos-operante” do professor/professora, o que faz com que ele seja acossado, talvez mais fortemente que outros, pelos sentimentos de solidão. Ao mesmo tempo, ainda que se queixe de solidão, contraditoriamente parece não querer ser ajudado, como se essa ajuda pudesse significar a destituição do que acredita ser o que resta de sua autoridade (ARANDA, 2007, p. 94-95).

Talvez o único espaço de fala, não necessariamente de escuta, que as professoras e professores têm seja a hora do intervalo :

É interessante observar professores e professoras que parecem exaustos e queixosos, falarem incessantemente dos problemas de indisciplina, violência,

---

<sup>4</sup> Zygmunt Bauman introduziu o conceito de "modernidade líquida" como uma abordagem sociológica que busca compreender a dinâmica das relações sociais contemporâneas. Este termo destaca a fluidez e a efemeridade das estruturas sociais e culturais na era atual. (BAUMAN, 2001).

da relação com os alunos e de suas famílias sem parecer querer ouvir o que o outro tem a dizer. É um ritual de lamentações, de expelir os demônios e “acumular energias”, ou indignar-se o suficiente para voltar afiado para o segundo tempo de sua luta diária. É interessante observar que, apesar dos problemas serem expostos na escola, essa muitas vezes não consegue constituir-se em um espaço público de discussões, onde podemos exercer nossa condição política, no sentido em que nos fala Arendt<sup>5</sup>. Mesmo que o espaço ali se estabeleça, existe uma lacuna entre o pensar e a ação, o espaço da ação do fazer pedagógico parece estar vazio, o que nos atinge em nossa condição humana (ARANDA, 2007, p. 96).

A solidão do professor e o desconforto com a impossibilidade de agir são fatores que perpassam o cotidiano das escolas pesquisadas e que, aliados à ausência de formações e de outras instâncias que subsidiem a compreensão dos elementos que geram esse funcionamento, agravam o sofrimento enfrentado pelo grupo de professores e professoras.

As relações entre professor/professora e alunos/alunas foram as mais mencionadas como fatores de mal-estar, principalmente em casos dos professores/professoras que não conseguiam aproximar-se dos alunos e alunas, o desinteresse e a recusa em aprender que eles manifestavam, a indisciplina e os palavrões e, principalmente, a dificuldade que enfrentam ao lidar com os “alunos incluídos”. Também destacam as diferenças no ritmo de aprendizagem, a heterogeneidade das turmas, a falta de respeito, a violência e a agressão. Um agravante desta situação é o de que alguns professores e professoras ainda esperam encontrar na escola um “aluno ideal”, dócil, mobilizado para a aprendizagem, ou seja, um aluno imaginário. Outros professores e professoras se enquadram no oposto, ao não encontrarem o aluno/aluno ideal passam a não ter expectativas para não “se decepcionar”. Trago aqui uma fala coletada em minha pesquisa de doutorado que exemplifica esta questão:

### Quadro 3. Excerto da tese com fala da professora

Não espero nada nem de meus alunos, nem da família para não me decepcionar depois. Sinto mal-estar quando temos numa turma: alunos que lêem, que escrevem, com síndrome de Down, alunos infrequentes, alunos de doze anos e outros de dezessete, alunas de quatorze anos grávidas,[...] traficantes, alunos que não lêem ou não escrevem [...] E tem estratégias?!?! No estado somos obrigados a aceitar e a seguir em frente, com ou sem mal-estar.

Fonte: Aranda, 2007.

Esta fala levou-me a perceber que muitos professores e professoras seguem

<sup>5</sup> A ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas como homens. Esta manifestação, em contraposição à mera existência corpórea, depende da iniciativa, mas trata-se da iniciativa da qual nenhum ser humano pode abster-se sem deixar de ser humano. Isto não ocorre em nenhuma outra atividade da *vita activa*. (ARENDRT, 2001, p. 189).

profundamente insatisfeitos, o que pode agravar o mal-estar e até mesmo levar ao adoecer. Um outro fator é que dentro desta forma de perceber o cotidiano de sala de aula se limita a possibilidade de elaborar estratégias, ou seja, um planejamento capaz de dar conta destas diferenças:

A partir da fala dessa colega fica evidente o fato de que se o mal-estar não é visto e trabalhado de forma a elaborar estratégias para lidar com a complexidade do ofício de professor no momento atual, o educador pode acabar optando em diminuir suas expectativas em relação a seu trabalho e, muitas vezes, renunciar até mesmo a tentativa de desenvolver um ensino de qualidade, “seguindo em frente” da forma que lhe é possível, como refere a professora (ARANDA, 2007, p. 104).

Muitos professores e professoras também apontam o fato dos problemas sociais terem aumentado e de que cada vez mais a escola e os professores e professoras estão “sozinhos” no enfrentamento destes problemas: [...] tem que dar conta de inúmeras questões sem ter tempo e recursos para que possam ter uma qualificação pedagógica que lhes possibilite fazer frente a tantas exigências como fica explícito no depoimento dessa professora de uma escola estadual (ARANDA, 2007, p. 104):

#### Quadro 4. Excerto da tese com fala da professora

Sabe no que eu penso todo dia? Nas férias. Chego todo dia em casa cansada, trabalho cada vez mais para dar conta de tudo e tenho a sensação de que não consigo dar conta de nada. Para o governo é fácil colocar trinta em uma sala de aula e o professor que se vire. Só que não é mais como antigamente. Antes era dar aula e pronto, ensinar o conteúdo. Hoje tu tens que ensinar a sentar, falar, passas mais tempo trabalhando as atitudes, os valores do que ensinando o resto. Não que isso não seja minha função também, mas fica só para gente fazer, a maioria das crianças não tem ninguém em casa nem para olhar os cadernos. Tem criança com problema de visão, de pele, piolho, doença, miséria mesmo e tu tenta fazer alguma coisa, mas parece que só a escola faz algo. A escola não pode resolver tudo, eu não posso, me dá vontade de dizer que vou dar aula e pronto, mas tu não pode fazer de conta que o resto não tá acontecendo, só que não dá. Tem muitas situações que eu sei que precisava estudar para dar uma aula melhor, mas com que tempo e que dinheiro? Tem coisas de graça, muitas Universidades oferecem cursos, mas não dá para sair da escola porque falta professor. Para o salário do pessoal do judiciário eles têm dinheiro. Aqueles prédios tudo feito de mármore e granito que gastaram horrores. Agora tem um lá perto do Gasômetro para atender as crianças que deve ter sido uma fortuna. Se investissem nas escolas, no salário do professor e na qualificação seria bem melhor, mas tem dinheiro para tudo menos para isso. Tem é que ter uma guerra civil, ir para a rua e parar tudo para ver se criam vergonha na cara. Eu to cansada, revoltada, só arranjam mais trabalho sem as mínimas condições.

Fonte: Aranda, 2007.

Muitas vezes tantas atribuições acarretam em mal-estar, justamente pela tentativa dos professores e professoras de “fugir” dessas atribuições, que passam a fazer parte do ofício do



professor/professora, já que não são assumidas por outros segmentos da sociedade, como fica claro nessa fala transcrita da entrevista de uma professora da Rede Municipal:

#### Quadro 5. Excerto da tese com fala da professora

O que me causa mal-estar é saber que a cada ano recebo alunos com mais deficiências. Eles não sabem sentar, escutar, usar um caderno, entender uma ordem. São rápidos para o que não deveriam e lentos para aprender. Os pais na maioria acham que temos que ensinar tudo tem coisas que tem que vir de casa e não vem. Na verdade a única coisa que incomoda os pais é se a gente manda o filho pra casa mais cedo, ou se não tem aula, por que de resto nada parece interessar. Tenho que fazer os pareceres que a supervisão já está cobrando, porque cobrar elas sabem.... só que vou ter que ler para os pais, por que muitos nem sabem ler, ou não entendem mesmo. Quando chamo alguém do SOE para me ajudar dão chazinho para os alunos, tenho meia dúzia que quase todo dia se matam e ela vem com chazinho. Isso é prêmio e não me ajuda. O fato é que não adianta nem reclamar porque não dá para fugir da raia. O conselho tutelar foge, os políticos só aparecem quando precisam, mas eu tenho que trabalhar todo dia e não tem ninguém para me dar chá, quando a gente reclama é porque tem má vontade. Todo mundo tem pena do aluno, da família, mas do professor não ai é o mesmo que dizer que eles podem fazer tudo, eu é que não devia perder tempo me incomodando com isso. Se eu pudesse eu nem me envolvia com eles, com os problemas mas me envolvo e depois quem perde o sono sou eu.

Fonte: Aranda, 2007.

Manter a disciplina na sala de aula é um processo que acarreta uma tensão constante na qual penso estar imbricado uma dose de mal-estar. Implica em criar uma dimensão de acolhimento e de limites, estabelecer uma autoridade que não pode existir sem vínculo, sem relação com o aprendente. Construir essa relação de respeito implica que o professor/professora desenvolva recursos para lidar com o mal-estar inerente ao movimento e a energia despendida no convívio com crianças e adolescentes que vêm para escola e ainda não aprenderam a “ser alunos”, dentro do comportamento esperado de alguém que frequenta uma escola (ARANDA, 2007, p. 106).

#### **O LUTO PELA PERDA DO “ALUNO/ALUNA E DA FAMÍLIA IDEAL”**

Nas falas que trouxe até o momento, e existem muitas outras em minha tese, é possível identificar o luto pela perda do “aluno/aluna e da família ideal”, não que esse aluno/aluna ou essa família de fato tenham existido em algum momento, mas povoam o imaginário dos professores e professoras. Um dos itens de minha pesquisa explorava estas expectativas, convidando os professores e professoras a elencar o que esperavam de seus alunos e famílias no começo do ano letivo. Os mesmos esperavam alunas e alunos:

críticos, participativos, interessados, comprometidos, felizes, integrados, frequentes, que atribuíssem significado à escola, tivessem cumplicidade com

o professor, realizassem trocas, colaborassem, fossem disponíveis, atentos, curiosos, desejosos de aprender e nisso depositando prazer, atenciosos, educados, que respeitassem o próximo, soubessem integrar e relacionar ao seu dia-a-dia o que aprendessem na escola, que viessem com todos os pré-requisitos para aprender (ARANDA, 2007, p. 110).

O contraditório é que ao serem questionados sobre as estratégias, o planejamento traçado para que os alunos e alunas atingissem esta condição, muitas professoras e professores responderam que isto era impossível de ser atingido apenas com o trabalho da escola e em um ano escolar, deixando de mencionar planejamentos específicos. Ou seja, existe uma expectativa de que a aluna ou aluno venham “prontos” como se estas questões fossem inatas, sem levar em conta que o aluno/aluna só pode aprender a ser aluno/aluna na escola. Desta forma as expectativas do professor/professora tendem a não ser atendidas, o que leva ao aumento do mal-estar. Afora as expectativas em relação à família:

a maioria dos professores sonha com famílias que garantam a continuidade do trabalho desenvolvido nas escolas em casa, estabeleçam uma “parceria de respeito”, se comprometam com a aprendizagem e frequência dos filhos, participem, e tenham clareza de seu papel. No entanto parece que a família de hoje, a exemplo da sociedade, não sabe como participar – garantindo que sua atuação vá além da denúncia e da queixa, e tão pouco possui clareza de seu papel. Não obstante, quando a escola fala de parceria e de respeito, se esquece que, de início, trata-se de uma relação desigual e assimétrica e, nesse tipo de relação, é necessário que se estabeleça uma autoridade natural, com espaços de concordância e discordância. Nessa morte do aluno e da família idealizados algo se perdeu, saiu do lugar idealizado (ARANDA, 2007, p. 111)

Seria interessante levar em conta que no cotidiano da escola, o que acreditamos “óbvio” que seja compreendido e atendido por alunos/alunas e pais, muitas vezes não chega nem mesmo a ser significado e, essa falta de consciência, pode deixar muitos dos aspectos dessa complexa relação na sombra, provocando estranhamentos e uma intensificação do mal-estar. Por exemplo, as noções de higiene e limpeza trabalhadas na escola muitas vezes são muito diversas, ou inacessíveis à comunidade. Muitas vezes as famílias não dispõem de produtos de higiene, roupas e até mesmo água para banho, no entanto a escola espera um aluno limpo, como fica evidente no excerto deste relato de uma professora da educação infantil da rede Municipal:

#### Quadro 6. Excerto da tese com fala de professora

Senti uma profunda indignação quando fui insultada e agredida por uma mãe porque pedimos que

mande uma roupa limpa, em condições de uso para colocarmos em sua filha. A menina vinha sempre muito suja, com um cheiro que ninguém suportava e com a pele cheia de feridas da sujeira. Resolvemos então começar a dar banho na criança antes dos trabalhinhos, só que a roupa dava até nojo de pegar. A mãe teve um chique, ao invés de ficar contente que a escola estava fazendo o que era sua obrigação nos insultou e ameaçou.

Fonte: Aranda, 2007.

Os professores e professoras também apontaram que um dos fatores que gera mal-estar é o da não participação dos pais na escola e de seu desinteresse pelo processo educativo do filho. Pergunto-me que tipo de participação o professor/professora espera? Será que a participação ou o dito apoio (concordância) que diz já não encontrar nos pais? O que percebemos é que os próprios pais enfrentam dilemas em como educar seus filhos, em definir qual é seu papel e acabam pedindo ajuda para a escola como fica claro na fala deste pai:

#### Quadro 7. Excerto da tese com fala de professora

Meu filho não quer vir à escola, diz que não dá para estudar. Eu sei que é importante ele vir, ta numa escola, eu não pude. Ele diz que quer um emprego, a escola não pode dar isso, mas mesmo assim era bom, não vejo muito o que ele faz no futuro, mas era bom vir na escola, não é?

Fonte: Aranda, 2007.

Quando pensamos em periferias, muitas vezes a escola é o único espaço do poder público que funciona na comunidade. Por sua vez, essa comunidade é composta de pais e mães que, muitas vezes, não vivenciaram, ou não vivenciam os “valores mínimos” esperados pela escola”. Neste sentido, ressalto que:

É preciso que os esforços, a formação de professores e os trabalhos realizados por outros órgãos que não a escola se juntem no esforço de trazer à tona o que está na sombra, para que se possa lidar com as inúmeras realidades que possuem características distintas. Essa é a exigência de uma época onde abrimos as portas da escola para todos, mas não sabemos o que fazer com esses “estranhos”<sup>6</sup> (nota de rodapé: ver conceito de Bauman) que ocupam nossas salas, sobre os quais parecemos não ter controle e os quais acreditamos não poder ensinar. Parece-me que aceitar trabalhar com o aluno/aluna e a família que temos, a partir de suas necessidades, pode ser o passo inicial para encontrarmos caminhos para lidar com o mal-estar gerado pela idealização, caminhando para a sua simbolização do mesmo e para o avanço no sentido de pensar em práticas possíveis dentro dessas configurações. (...) O mal-estar faz parte do ofício do professor, independentemente da classe social e da metodologia adotada. Ele caminha

<sup>6</sup> Conforme aponta Bauman (2017), a construção do estranho se dá dentro de uma dada sociedade, surgindo da própria construção da ordem, não sendo planejados e não se encaixando nos padrões sociais e assim excluídos.

ao mesmo passo das incertezas e solidão de nossa época (ARANDA, 2007, p. 113).

## CONCLUSÃO

O mal-estar docente é um fenômeno cultural e sócio-histórico e suas configurações enfrentam transformações oriundas das mudanças que a sociedade atravessa. O mal-estar da sociedade e o mal-estar docente não são fenômenos recentes, mas adquirem novas configurações no momento presente. Vivemos em um tempo e em uma sociedade onde presenciamos a efetiva desintegração da rede social, que se movimenta no sentido de eliminar fronteiras, uma sociedade cada vez mais globalizada, dessa forma é preciso ter em mente que também globalizados estão os medos, ameaças e incertezas, que não apenas povoam o nosso imaginário, mas irreverentes compartilham de nossos cotidianos.

Em meio às incertezas de nosso tempo, os professores e professoras têm a tarefa de formar uma geração para um mundo cada vez mais fluídico, líquido, cuja compreensão parece escorregar por entre nossos dedos. O mundo dos clicks, da inteligência artificial, do imediatismo, das questões climáticas. Mundo em que diariamente a mídia lança-nos falsos apelos mostrando que somos os únicos responsáveis pelo nosso destino, pela escolha de nossos objetivos, ou seja, por aquilo que podemos ter; pois apenas ao nos lançarmos ao consumo existimos de fato nessa sociedade. No entanto, não basta adquirir um bem e guardá-lo por toda a nossa existência, temos que alimentar o vício diário do consumo e ter os objetos mais leves, modernos, de última geração. O que vale é sermos felizes hoje, ou seja, o que podemos consumir hoje. Vivemos a urgência do tempo presente, da máxima satisfação no aqui e agora. Esse presenteísmo e a rapidez com que os fatos se desenrolam na esfera social paralisam os esforços de alunos/alunas professores e professoras no sentido de empreender projetos, de esforçar-se para aprender, pois parece ser impossível sustentar a dor que acompanha esse processo e a consciência de que é necessário minimamente tempo, cooperação, reflexão, concentração e mobilização para que a aprendizagem aconteça. Outro fato, que desfavorece no sentido de seduzir e provocar o desejo de aprender, é o de que o espaço físico e organização do currículo da maioria das escolas está longe de provocar o “vício diário de consumir conhecimento”.

Na sociedade, ao consumirmos estamos sozinhos, e é na solidão que as relações dessa época se estabelecem. Como já enfatizei, relações instantâneas, ao toque de um celular ou clique do mouse. Talvez aí esteja uma das razões da dificuldade que observamos nas escolas

em constituir grupos de trabalho, mobilizados por um objetivo comum. Aqueles que não fazem parte desse mundo globalizado, informatizado, que não podem satisfazer o vício pelo consumo, são os que Bauman chama de estranhos na era de consumo. Estranhos instáveis, voláteis, dos quais o estado de bem-estar já não cuida e nem controla: aprisiona - na ausência da possibilidade de “jogá-los em alto-mar” como nos diria Foucault (1972). A sociedade pode tratar os estranhos como indesejáveis seres que não devem estar em seu convívio e lhes destinar a prisão, mas a escola deve acolhê-los. Com o advento da democratização do ensino uma nova população tem acesso à escola e essa por sua vez - embora tente confinar os estranhos em turmas especiais, com atendimento diferenciado, deles não pode se livrar. As escolas já não podem higienizar, limpar, organizar ou expulsar os estranhos, o que faz com que ser professor/professora nos dias de hoje signifique suportar essa impossibilidade.

No entanto, muitas vezes o mal-estar de conviver com o estranho faz com que o professor/professora não perceba formas de mobilizar o desejo de aprender do aluno/aluna e seu desejo de ensinar. Talvez seja necessário nos depararmos com esses sentimentos, admitirmos que eles existem, conscientizarmo-nos que às vezes nós educadores somos tão perversos quanto a sociedade em que estamos imersos, de que tentar sustentar um discurso de inclusão que não encontra eco em nossas ações. É importante admitirmos que a inclusão dessa população nos desacomoda, nos remete a idealização do aluno/aluna que não temos, para que possamos encontrar caminhos para lidar com o aluno real. O aluno real muitas vezes é violento, tão violento quanto a sociedade que diz que ter tudo que quisermos, que não existe regra que não possa ser quebrada em nome da realização de um sonho.

Na escola o pesadelo do professor/professora é justamente deparar-se cotidianamente com esse aluno/aluna, produzidos nas relações da sociedade atual, as quais descrevi até o momento. O *alumno*<sup>7</sup> que não consegue deixar-se criar, produzir, enquadrar, seguir regras, aprender. Mas o que podemos esperar do produto de uma sociedade onde a vontade individual reina soberana? Em que estamos sempre à procura do prazer, sem nos importarmos com os meios que utilizamos para isso? Ser professor/professora hoje é conviver com o mal-estar de ter que impor regras e limites para os filhos de uma sociedade da anomia. Em meio à solidão e ao desempoderamento que o professor/professora vivencia, existe o mal-estar pela certeza de que a escola precisa mudar seu funcionamento para dar conta das questões que se colocam no momento presente. Esse mal-estar é maior em escolas que são coordenadas por gestores que não conseguem trabalhar com a fragilidade das relações pessoais, pedagógicas e administrativas, atendo-se a cobranças de resultados. Ele se faz presente em escolas da rede

<sup>7</sup> *Alumno* do Latim, primitivamente criança que se dava para criar. Pessoa que recebe instrução ou educação.

pública e particular.

Neste texto levantei inúmeros fatores de mal-estar: lidar com uma sociedade fluídica, com a democratização do ensino e a inclusão de uma nova população na escola, o que advém da solidão do professor/professora e a dificuldade de lidar com as relações que se estabelecem na escola. Também é importante registrar a sobrecarga de tarefas que o professor/professora têm em sua rotina de trabalho, agravada pela falta de recursos humanos e formação continuada insuficiente e deficiente.

Gostaria de salientar que uma vez que cada professor/professora e cada escola significam de diferentes maneiras o mal-estar docente, já não é possível nos referirmos a esse fenômeno no singular, pois as evidências nos remetem a uma diversidade de mal-estares docentes.

Exercer a profissão de professor significa deparar-se ou vivenciar de alguma forma o fenômeno do mal-estar docente, o que não necessariamente levará o professor/professora que convive com o mal-estar a adoecer ou a experimentar um ciclo degenerativo da eficácia docente<sup>8</sup>. Na bibliografia consultada, a expressão mal-estar docente é utilizada para descrever os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência e que levariam a esse ciclo degenerativo. Reafirmo que, adotando essa conceituação, tendemos a analisar o mal-estar docente como se fosse apenas o adoecer do professor/professora, e não como um fenômeno complexo que não está situado no indivíduo, mas nas relações que ocorrem na escola enquanto instituição, como uma das dimensões da profissão-professor no momento atual.

Não posso encerrar este escrito sem deixar de afirmar que não basta dar visibilidade ao mal-estar docente, mas é preciso criar estratégias para lidar com essa condição.

Nesse sentido, a escola precisa passar por urgentes e profundas transformações para possibilitar relações de ensino e de aprendizagem mais saudáveis e positivas, permitindo que os mal-estares que vivenciamos funcionem como um dos elementos propulsores do processo de reestruturação de nossas escolas e da sociedade como um todo. Ser professor/professora nos dias de hoje tornou-se um desafio. Mais que dominar conteúdos, o professor/professora precisa estar em condições de canalizar os mal-estares vivenciados, o que pode lhe possibilitar a passagem de um estado de queixa e vitimização para a condição de um dos agentes de transformação da organização da escola, do seu currículo e avaliação, da relação com a

---

<sup>8</sup> O conceito de mal-estar docente como um ciclo degenerativo é trabalhado por diversos autores e retomado por Esteve (1999, p. 25).

família e a sociedade como um todo.

Parece-me que várias ações têm que ser tomadas para tentar dar conta de um problema tão complexo, mas uma delas nasce do desejo do professor/professora de deixar o lugar de “refém das circunstâncias” e tentar entender os mecanismos que as geraram. Só entendendo o que gera os mal-estares em cada escola e as interfaces desse fenômeno com a sociedade como um todo, é que poderemos inventar, propor, criar, pois vivemos em um mundo onde as soluções para os problemas gerados por esse fenômeno não estão prontas e, se prontas estivessem, não dariam conta dos mal-estares vividos em cada escola.

O mínimo que se espera diante de um fenômeno complexo como este é que o professor/professora tenha o direito de falar sobre seus sentimentos, medos, anseios e que encontre uma formação adequada que lhe possibilite entender as mudanças que atravessamos e recuperar a sua condição de especialista em educação. Não estou, com isso, dizendo que a solução para essa problemática passa apenas por uma formação adequada, ou por uma seleção de professores/professoras feita em outras bases, ou por equipes diretivas que saibam gerir processos, ou por planos de órgãos públicos que levem em consideração os estudos realizados sobre esse fenômeno. No entanto, é preciso adotar ações, que talvez passem por todas essas e outras questões, para que os mal-estares não se constituam em fator de adoecimento da escola, em um ciclo degenerativo que anuncia sua morte enquanto lugar de aprendizagem e de formação das novas gerações. É necessário que se façam novas pesquisas sobre esta temática tão complexa, dar visibilidade por exemplo aos mal-estares intensificados no período pós pandêmico e vivenciados principalmente pelas professoras e professores que trabalham nos anos iniciais do ensino fundamental e encontram crianças no terceiro ano que não estão alfabetizadas. Isto já ocorria antes da pandemia, mas agora temos um número maior de crianças nesta condição. Também o mal-estar dos professores/professoras universitários, que enfrentam a diminuição drástica de aluno/alunos interessados na formação e também oriundo das lacunas dos que conseguem chegar à universidade. Enfim, existem muitos aspectos que precisam ser pesquisados.

Termino este texto falando em esperança, desejos e limites. Esperança de que possa contribuir para a reflexão sobre as categorias dos mal-estares docentes. Desejo de que se consolide uma mudança paradigmática em termos de educação, que possibilite que a escola seja um espaço de acolhimento e aprendizagem para alunos e alunas, professores e professoras. Ou seja, como diria o saudoso Freire é preciso esperar

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.

Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (FREIRE, 1992)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANDA, Silvana Maria. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001

BAUMAN, Zygmunt. **Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2017.

ESTEVE, José M. **O Mal-estar Docente: a sala de aula e a saúde do professor**. Bauru: EDUSC, 1999.

ESTEVE, José M. **A terceira Revolução Educacional: a educação na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Moderna, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.